



Utopia Global do Espírito Santo

Expressões Regionais e Projeções Globais

Volume II

José Eduardo Franco, António Manuel Ribeiro Rebelo
Coordenação científica

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2021

(Página deixada propositadamente em branco)

COLEÇÃO
DE **ESTUDOS**
— GLOBAIS

Compreender a Globalização

**COLEÇÃO
DE ESTUDOS
GLOBAIS**

Compreender a Globalização

DIREÇÃO DE

Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

COMISSÃO CIENTÍFICA CONSULTIVA INTERNACIONAL

- Anabela Pereira (Universidade de Aveiro)
Annabela Rita (Universidade de Lisboa)
António Araújo (Universidade de Lisboa)
Arlindo Oliveira (Universidade de Lisboa)
Carlos Borrego (Universidade de Aveiro)
Carlos F. Clamote Carreto (Universidade Nova de Lisboa)
Carlos Fiolhais (Universidade de Coimbra)
Celso João Carminati (Universidade do Estado de Santa Catarina)
Christine Vogel (Universität Vechta)
Delfim Leão (Universidade de Coimbra)
Edgard Leite (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
Fabrice d'Almeida (Université Paris II – Panthéon-Assas)
Jacinto Jardim (Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta)
José Ignacio Ruiz Rodríguez (Universidad de Alcalá de Henares)
José Maria Silva Rosa (Universidade da Beira Interior)
Luís Machado de Abreu (Universidade de Aveiro)
Luísa Paolinelli (Universidade da Madeira)
Luiz Eduardo Oliveira (Universidade Federal de Sergipe)
Marco Daniel Duarte (Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta)
Mariagrazia Russo (Università degli Studi Internazionali di Roma)
Norberto Dallabrida (Universidade do Estado de Santa Catarina)
Onésimo Teotónio Almeida (Brown University)
Paulo Ferreira da Cunha (Supremo Tribunal de Justiça)
Pierre Antoine Fabre (École des Hautes Études en Sciences Sociales)
Rogério Luiz de Souza (Universidade Federal de Santa Catarina)
Stephen Croucher (University of New Zealand)
Tania Martuscelli (University of Colorado Boulder)
Teresa Pinheiro (Technische Universität Chemnitz)
Valérie Devillard (Université Paris II – Panthéon-Assas)
Viriato Soromenho-Marques (Universidade de Lisboa)

Utopia Global do Espírito Santo

Expressões Regionais e Projeções Globais

Volume II

José Eduardo Franco
António Manuel Ribeiro Rebelo

Coordenação científica

EDIÇÃO Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: imprensa@uc.pt | URL: http://www.uc.pt/imprensa_uc | Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA José Eduardo Franco e António Manuel Ribeiro Rebelo

COORDENAÇÃO EXECUTIVA Filipa Araújo e Joana Balsa de Pinho

COORDENAÇÃO EDITORIAL Imprensa da Universidade de Coimbra

CONCEÇÃO E EXECUÇÃO GRÁFICA Carolina Grilo

REVISÃO Álvaro Almeida, Ana Rita Araújo, António Manuel Ribeiro Rebelo, Bruno Lima, Carlos Serra, Cristiana Lucas Silva, Maria João Nobre, Maria José Figueiredo, Milene Alves, Paula Carreira, Porfírio Pinto, Samuel Oliveira, Sara Carvalhais de Oliveira e Susana Mourato Alves-Jesus

TRADUÇÃO António Manuel Ribeiro Rebelo, Bruno Lima, José Bernardino, José Eduardo Franco, Maria João Nobre, Pedro Ferreira e Porfírio Pinto

FOTOGRAFIA DA CAPA John Rodenn Castillo, via Unsplash.com

ISBN 978-989-26-2172-2

ISBN DIGITAL 978-989-26-2173-9

DOI <https://doi.org/10.14195/978-989-26-2173-9>

DEPÓSITO LEGAL 484292/21

APOIO EDITORIAL E DISTRIBUIÇÃO Theya Editores – CEG-CIPSH-UAb

Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes – IECCPMA
Rua Ladislau Patrício, 8, 1.º A | 1750-136 Lisboa | (00351) 934 323 983 | 969 977 702
theyaeditores@gmail.com | <http://theya-ed.org/>

Cátedra CIPSH de Estudos Globais da Universidade Aberta – CEG-CIPSH-UAb
Palácio Ceia, Rua da Escola Politécnica, 147 | 1269-001 Lisboa

As imagens publicadas na presente obra foram cedidas pelos autores dos textos que a compõem, que se responsabilizam exclusivamente pelas mesmas.

Coleção promovida em parceria com o DEG – Programa de Doutoramento em Estudos Globais/CEG/UAb e com a Fundação Calouste Gulbenkian, e em associação com a Theya Editores do IECCPMA.

COLEÇÃO DE ESTUDOS GLOBAIS

DIREÇÃO DE Guilherme d'Oliveira Martins, João Relvão Caetano e José Eduardo Franco

© JUNHO 2021, IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Utopia Global do Espírito Santo / coordenação científica José Eduardo Franco e António Manuel Ribeiro Rebelo – 3 vols.

ISBN – 978-989-26-2172-2 (ed. impressa);
ISBN – 978-989-26-2173-9 (ed. eletrónica)

I – FRANCO, José Eduardo
II – REBELO, António Manuel Ribeiro

CDU -

O espiritismo nos autores madeirenses da primeira metade do século XX De Reis Gomes a Vasco Mimoso, entre ciência, cristianismo e fenómenos psíquicos ocultos

Spiritism in Madeiran authors from the first half of the 20th century: From Reis Gomes to Vasco Mimoso, between science, Christianity and occult psychic phenomena

Fernanda de Castro¹

UNIVERSIDADE DE LISBOA / castrofernanda@live.com.pt / ORCID | 0000-0002-0010-8463

Luísa M. Antunes Paolinelli

UNIVERSIDADE DA MADEIRA / lu.p@live.com.pt / ORCID | 0000-0002-0904-665
https://doi.org/10.14195/978-989-26-2173-9_9

Resumo: Se a Europa do fim do século XIX e início do século XX, por um lado, se interessava pela ciência psicológica e pela pesquisa científica relacionada com a elaboração de conceitos como saúde, saúde mental, doença, terapia, normalidade psíquica, anormalidade, histeria, demência, entre outros, por outro, sentia a atração por áreas como a parapsicologia e o espiritismo. Na realidade, cultura científica e parapsicologia não raro conviviam, numa tentativa de explicar o homem nos seus aspetos mais recônditos, mais dúbios. Esta aproximação entre cultura psicológica e parapsicologia atraiu, de forma diferenciada, diversos autores, quer na conceção de tramas, ambientes e personagens, quer, no caso de escritores europeus, como Pirandello ou Fogazzaro, e de madeirenses, como o mais conhecido Reis Gomes e o diretor de *A Regeneração*, Vasco Mimoso, num interesse comum pela ciência, pelo misticismo e pela parapsicologia que os levou a dirigir a tensão gnoseológica para a análise e o estudo da parte menos clara e visível do humano.

Palavras-chave: literatura; Madeira; espiritismo; ciência; fraternidade; utopia-distopia

Abstract: 19th and early 20th century Europe showed a relevant interest in the psychological sciences and scientific research when related to the development of concepts such as health, mental health, illness, therapy, psychological normality, abnormality, hysteria, insanity, among others. However, at the same time, intellectuals and scientists felt a great attraction towards other somehow related fields, such as parapsychology and spiritualism. In fact, scientific culture and parapsychology often

¹ Doutoramento em Estudos Culturais, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/124507/2016).

coexisted in an attempt to explain the human being in its most hidden and questionable aspects. This approximation between psychological culture and parapsychology captivated, in different ways, several authors. It also inspired and affected, in the case of European writers, such as Pirandello or Fogazzaro, and Madeiran writers, such as Reis Gomes or Vasco Mimoso (director of *A Regeneração*), the construction of scenarios, atmospheres and characters. In fact, the common interest for science, mysticism and parapsychology led them to direct the gnoseological tension to the analysis and study of the less clear and visible part of the human being.

Keywords: literature; Madeira; spiritism; science; fraternity; utopia-dystopia

Introito

A reflexão e o estudo em torno do espiritismo/espiritualismo nos autores madeirenses, como Vasco Mimoso² e João dos Reis Gomes, seria inexequível se não fosse a realização da investigação para o *Dicionário Enciclopédico da Madeira* (DEM), integrado no projeto Aprender Madeira, deveras fundamental, no que diz respeito à sistematização, consolidação, reatualização e congregação do vasto conhecimento científico existente sobre a Madeira desde o *Elucidário Madeirense*, publicado em 1922. Este projeto, que visa dar visibilidade à Madeira a nível nacional, no que toca à história, cultura, artes e ciências, não consiste apenas numa simples súmula do saber, mas tem como objetivo valorizar e promover o conhecimento como património individual e coletivo. Não sendo especialistas na matéria do espiritismo/espiritualismo, procuramos abrir uma porta para que estes autores madeirenses, esquecidos pela inexorabilidade do tempo, sejam lembrados e estudados pelos especialistas e estudiosos dessa área e para que saibam que têm na ilha da Madeira uma fonte desconhecida de saber por explorar. O ímpeto de investigar, descobrir e deslindar o desconhecido e o oculto nos arquivos, bibliotecas e espólios, cujos documentos muitas vezes não são consultados, move a equipa do DEM, pelo que este trabalho tem como fim demonstrar o que pode ser feito em termos de pesquisa e investigação sobre o arquipélago.

Séculos XIX e XX: um período de descobertas e inquietações

Não é possível falar na temática do espiritismo/espiritualismo sem contextualizar historicamente o período em que o mesmo surge como ciência, na medida em que muitas das suas premissas e fundamentos são respostas e objeções aos desencantos

² Aproveitamos a publicação deste volume para agradecer pública e oficialmente à família Mimoso Camacho pela preciosa e prestimosa ajuda e oportunidade dada, no que diz respeito à cedência e autorização para explorar e estudar o espólio do escritor madeirense Vasco Mimoso.

vivenciados na época. O século XIX e a primeira metade do século XX são marcados pelo colapso dos impérios e pelo advento do capitalismo, com o surgimento de modelos produtivos de alta rentabilidade económica que acompanham o desenvolvimento dos meios e das vias de comunicação (locomotiva, fotografia, filme, rádio, telefone). Destacam-se os avanços na medicina e na física, assinalados pela descoberta do antibiótico (penicilina), da anestesia e das experiências que levaram ao desenvolvimento de armas nucleares, as quais darão uma nova formulação à arte da guerra. Neste sentido, é impossível olvidar acontecimentos históricos distópicos que marcaram os séculos XIX e XX e que foram determinantes no desenvolvimento e na apologia do espiritismo/espiritualismo, como a Grande Depressão de 1929, a ascensão da ideologia fascista e nazista e as Primeira e Segunda Guerras Mundiais. Também o estudo da aplicação do eletromagnetismo, por James Maxwell, e a teoria da psicanálise, por Sigmund Freud, foram empreendimentos científicos fulcrais para que, de diferentes formas, o espiritismo evoluísse como ciência.

Se a Europa do fim do século XIX e início do século XX, por um lado, se interessava pela ciência psicológica e pela pesquisa científica relacionada com a elaboração de conceitos como saúde, doença, terapia, normalidade psíquica, anormalidade, histeria, demência, entre outros, por outro, sentia a atração por áreas como a parapsicologia e o espiritismo. Na realidade, cultura científica e parapsicologia não raro conviviam, numa tentativa de explicar e compreender o homem nos seus aspetos mais recônditos, mais dúbios. A análise da personalidade humana, na sua vertente obscura, conduz mesmo ao interesse de prestigiosas academias, como a Universidade de Cambridge, que desenvolvem investigação no campo do fenómeno dos médiuns e dos visionários, tendo na sua liderança o conhecido literato Frederic W. H. Myers.

As universidades francesas seguiram a mesma tendência, e os fenómenos psíquicos ocultos ganharam progressivamente o respeito através de estudos académicos. Esta aproximação entre cultura psicológica e parapsicologia atraiu, de forma diferenciada, diversos autores, quer na conceção de tramas, cenários, ambientes e personagens, quer, no caso de escritores europeus, como Pirandello ou Fogazzaro, e de madeirenses, como o mais conhecido Reis Gomes³ ou o diretor

³ Oficial do Exército (comandante de artilharia), professor, jornalista, dramaturgo, engenheiro industrial, crítico, escritor e filósofo da arte, nascido a 5 de janeiro de 1869, na freguesia de São Pedro, no Funchal. Docente do ensino secundário no Liceu Jaime Moniz, na mesma cidade, e professor e diretor da Escola Industrial e Comercial do Funchal. Foi considerado o primeiro crítico de teatro em Portugal. Foi jornalista e diretor do *Heraldo da Madeira* e

de *A Regeneração*, Vasco Mimoso,⁴ num interesse comum pela ciência, misticismo e parapsicologia que os levou a dirigir a tensão gnoseológica para a análise e estudo da parte menos clara e visível do ser humano. Luigi Pirandello, por exemplo, baseia o romance *Il Fu Mattia Pascal* (1904) na história de uma personagem que vive, na primeira parte, num estado de não-vida, numa condição de acronia e imobilidade em relação ao mundo, depois de ter, primeiro, vivido, depois morrido e reincarnado. A reincarnação não o satisfaz, pelo que tenta através de um falso suicídio refazer a sua vida, mas o que lhe resta é uma vida que não se vive, numa biblioteca, onde vê os outros viverem. Pirandello inclui na narrativa uma sessão

do *Diário da Madeira*. Lançou as bases do programa comemorativo do V Centenário da Descoberta da Madeira (1919-1923). Organizou e fundou, em 1928, a convite, a delegação no Funchal da Sociedade Histórica da Independência de Portugal. Foi sócio fundador da delegação da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha. Foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa e da Sociedade de História de Portugal, sócio de honra da Federação das Academias de Letras do Brasil e vogal do Instituto de Portugal, anteriormente Academia de Portugal. Foi igualmente sócio do Instituto António Cabreira, da Casa da Madeira, em Lisboa, e sócio honorário do Instituto Cultural de Ponta Delgada, em São Miguel, e do Instituto Histórico da Terceira, também nos Açores. A sua produção literária abrange a novela e o romance histórico, para além dos estudos filosóficos, da crítica teatral, do estudo científico e dos diários de viagem. Recebeu as condecorações honoríficas de comendador de Instrução Pública, de oficial da Academia de França e de oficial e comendador da Ordem Militar de Santiago de Mérito Científico, Literário e Artístico. Faleceu em São Martinho, na Quinta do Esmeraldo, a 21 de janeiro de 1950.

⁴ Pintor, psicólogo, jornalista e escritor madeirense, nascido a 24 de maio de 1882, na freguesia de São Gonçalo, no Funchal. Estudou no Liceu e frequentou a Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, tendo ingressado, posteriormente, no Instituto Nacional de Ciências de Londres, onde se formou em Ciências Psicológicas. Dedicou-se à pintura, ao desenho e à escrita e foi igualmente empregado (fiscal das fábricas de aguardente) da 9.ª Região Agrícola, na extinta Junta Agrícola da Madeira, e funcionário público (desenhador) da Junta Geral do Distrito do Funchal. Participou na fundação do Instituto Madeirense de Letras, Ciências e Artes e foi redator principal e proprietário de vários periódicos madeirenses, como o *Informador Madeirense*, periódico sobre assuntos agrícolas e pecuários, *A Regeneração* (1.ª série, 1914-1915; 2.ª série, 1931), publicação de carácter científico e literário, *A Chacota* (1906-1907), semanário humorístico, e *A Regeneração – Revista Quinzenal de Estudos Sociais e Psíquicos/Pela Pátria, pelo Povo, pelo Progresso: Órgão Defensor das Doutrinas dos Grandes Mestres da Regeneração Social*. Foi membro e médium do Núcleo Espírita da Madeira. A sua produção abrange a poesia, que se encontra sobretudo dispersa, e prosa de carácter espiritualista e religioso. Faleceu, na freguesia de Santa Maria Maior, a 21 de julho de 1952.

espírita e uma longa conversa sobre o espiritismo entre o senhor Paleari e Mattia Pascal. O clima cultural, caracterizado pelo interesse pelo oculto, especialmente pelo espiritismo, influencia o autor italiano no retrato que constrói do desejo humano de encontrar respostas para a sua existência, não recorrendo, e, no fundo, opondo-se, às soluções do pragmatismo materialista e da ciência positivista que tiravam a dimensão de ilusão à vida.

O espiritualismo moderno e a hostilidade na imprensa madeirense

O espiritismo foi pela primeira vez definido pelo autor e pensador Allan Kardec, pseudónimo de Hippolyte Léon Denizard Rivail (1804-1869), na obra *O Livro dos Espíritos* (1857), como uma doutrina filosófica aplicada a religiões, crenças e ciências. O seu fundamento basilar centra-se essencialmente na ideia da existência do espírito como elemento atuante na realidade material. Na ponderação destes aspetos, o espiritismo, além de considerar a existência de Deus durante a vida terrena e espiritual, defende a imortalidade da alma, ou seja, há a plena convicção de que depois da morte a alma continua a sua jornada noutra dimensão, a espiritual (Kardec, 1999: 119). Há, pois, neste sentido, a argumentação da persistência do princípio anímico mesmo após a morte (Mimoso, 1911: 70). Por conseguinte, a vida não depende intrinsecamente da sua existência no que é terreno/material, mas igualmente da sua continuação depois da morte. No fundo, os teóricos espiritistas/espiritualistas, como Allan Kardec, defendem a existência da vida após a morte, sendo esta apenas mais um passo do processo de eternização e imortalização da alma. Neste sentido, o autor, aclamado teórico do espiritismo, argumenta que o homem não deve assentar a sua existência apenas em valores morais, mas igualmente espirituais, na medida em que o seu percurso não se restringe ao terreno, nem o seu itinerário cessa com a morte. Portanto, a morte não é um acontecimento finito e não constitui, na opinião dos espiritistas/espiritualistas, um destino fatal, no qual a alma humana se dissipa juntamente com o corpóreo (Kardec, 1999: 93). Sem prejuízo dos vários estudos e dimensões dados por diversos estudiosos ao longo dos tempos, o espiritismo defende o mundo espiritual em detrimento do material (Kardec, 1999: 354). Aliás, um dos princípios do espiritismo moderno, para além de se reger pelo método científico da experiência comprovada, leia-se empirismo (experiência/prova), é precisamente a valorização do mundo incorpóreo, o contacto com os desencarnados através dos vivos e, não menos importante e também fulcral, a rejeição do materialismo, que julga as ações, o pensamento, os

sentimentos e as emoções como meras reações físicas e químicas expropriadas de qualquer dimensão espiritual, inerente ao homem.

Os estudos psíquicos ganharam muitos adeptos e desenvolvimento a partir de meados do século XIX, principalmente no Reino Unido e em França. Em 1873, em Londres, foi fundada a The British National Association of Spiritualists, associação que se ocupava em congregar os especialistas na matéria do espiritualismo. Onze anos depois, em 1884, a mesma associação transforma-se em aliança espiritualista, The London Spiritualist Alliance, num compromisso mais profundo de fidelização ao movimento e de defesa da causa espiritualista inglesa. Já em 1955, a mesma aliança passar-se-á a intitular The College of Psychic Science, ganhando em 1970, até à atualidade, a designação de The College of Psychic Studies, ocupando-se, de uma forma mais científica, dos estudos psíquicos e não restringindo a sua nomenclatura ao mero conceito de espiritismo/espiritualismo. Saliente-se, no entanto, o aparecimento, em 1882, não de uma simples associação, mas de uma sociedade de investigação psíquica, a Society of Psychical Research, presidida por insígnias personalidades, como Henry Sidgwick, Edmund Gurney e Frederic Myers, ligadas a diversas áreas do saber, como economia, filosofia, matemática, psicologia e teologia.

O sucesso do espiritismo moderno foi retumbante, tendo em 1897 cerca de 8 milhões de seguidores. Na sequência deste aumento exponencial de adeptos, o número de associações espiritualistas criadas já no início do século XX é também significativo e acompanha, conseqüentemente, esse aumento de seguidores. Se em 1914 existiam apenas 145 associações na Grã-Bretanha, em 1937 eram já 520 (Hazelgrove, 2000: 14).

As razões do êxito desta doutrina científica residem em vários fatores, muitos deles históricos, tais como o discurso de encorajamento que se liga ao clima de luto vivido em pleno século de guerras e a exaltação de valores democráticos contemporâneos, defendendo o igualitarismo e fazendo uso de uma retórica antielitista. Além destes fatores históricos que permitiram tamanho sucesso, juntam-se ainda a vulgarização e a adaptação da sua doutrina a várias crenças, quer cristãs, quer pagãs, ou mesmo populares e patrióticas, motivos que tornaram o espiritismo uma doutrina aberta a toda a sociedade, independentemente do *status* social do indivíduo crente. Há, portanto, uma adaptação, atualização e um progresso científico, tendo em conta os tempos modernos, mas, ao mesmo tempo, a manutenção do pensamento tradicional, em que convivem o familiar, a crença e o mistério, tornando o discurso da doutrina sedutor, atrativo e interessante (Hazelgrove, 2000: 14).

A existência da imprensa espiritualista, como veículo de comunicação e dispersão da doutrina, foi de igual forma determinante para o sucesso do espiritismo/espiritualismo. Devem destacar-se os periódicos *Raymond* (1916), dirigido por Oliver Lodge, *New Revelation* (1918) e *The Vital Message* (1919), dirigidos pelo célebre escritor Arthur Conan Doyle, também presidente da Spiritualism National Union (SNU) (Hazelgrove, 2000: 15). Todavia, não devemos desconsiderar dois dos fatores que contribuíram, decisivamente, para o sucesso do espiritismo enquanto crença e ciência: o empirismo, ou seja, a experiência, a prova diante dos olhos, incluindo o processo e metodologia científica, sobre o qual discorre o madeirense João dos Reis Gomes, na obra *Forças Psíquicas* (1925), e o discurso caritativo e utópico, quando analisado do ponto vista do espiritismo religioso, como é o caso do escritor madeirense Vasco Mimoso.

No que toca ao discurso do espiritismo/espiritualismo religioso, é fulcral salientar vários eixos temáticos que o tornam cativante, tais como a possibilidade de regeneração do homem, a oportunidade de mudança e progresso da humanidade e a existência de um mundo pós-morte idealizado. Porém, estas ideias inovadoras e, em parte, utópicas apregoadas pela doutrina foram recebidas com agressiva hostilidade pela Igreja Católica, que afirmava que o espiritismo se tratava de uma ciência demoníaca que ameaçava gravemente a saúde mental daquele que dela ousasse fazer parte. Ressalte-se, deste modo, a existência de campanhas de combate ao espiritismo, nos anos 20-30 do século xx, nomeadamente, em 1926, com a criação da Cruzada Católica contra o Espiritualismo (Catholic Crusade against Spiritualism) (Hazelgrove, 2000: 19).

No que diz respeito à Madeira, a reação da imprensa católica não é distinta. Na revista *A Esperança: Órgão da Obra de S. Francisco de Sales*, publicação religiosa do Funchal, referente ao ano de 1920, há uma pequena nota que contém uma crítica acérrima ao espiritismo, remetendo o leitor para uma leitura atenta e aconselhável da Bíblia:

A Bíblia nos adverte de que Satanás e todos os demónios são espírito de mentira, cheios de maldade, que percorrem o mundo como leões raivosos, procurando tentar o homem, perdê-lo e devorá-lo, e transformando-se por vezes em anjos de luz para melhor lograr o seu intento. Move-os o ódio a Deus e a inveja ao homem [...]. (*A Esperança*, 1920: 81).

Por conseguinte, o espiritismo não era, de facto, visto com bons olhos pela Igreja madeirense, considerando-o uma prática satânica e destrutiva dos bons

costumes e espíritos. Todavia, alguns escritos nesta revista religiosa, nos anos subsequentes, dão conta de reflexões sobre a verdade na inter-relação da fé com a ciência, explicitando que

não pode haver oposição entre a Sciencia e a Fé, porque a verdade não pode ser contraria a si mesma. A sciencia attinge a verdade, a fé ensina a verdade; mas a verdade sendo uma, não pode ser opposta a si mesma. – E se por vezes não conseguimos fazer concordar os varios aspectos e diferentes pontos de vista da verdade, não é d'ella que cumpre duvidar, mas sim da justeza dos nossos raciocinios, da perspicacia da nossa intelligencia ou da extensão dos nossos conhecimentos. (*A Esperança*, 1921: 28-29)

Contudo, aos olhos da Igreja madeirense e da religião católica em geral, o espiritismo não se integra nesta verdade, nem como ciência, nem, muito menos, como fé.

Ecoss do espiritismo religioso e científico na Madeira: a ciência e a religião em destaque

Influenciados por estudiosos de diversos ramos do saber, como a psicologia, a ciência psíquica e a física, como Paul Gibier (1851-1900), Charles Robert Richet (1850-1935), Joseph Oliver Lodge (1851-1940), James Clerk Maxwell (1831-1879), Enrico Morselli (1852-1929), Allan Kardec, Carl du Prel (1839-1899), José Alberto de Sousa Couto (amigo pessoal de Vasco Mimoso e que lhe atestou o poder mediúnico, 1855-19), Eugène Auguste Albert de Rochas (1837-1914), Alfred Russel Wallace (1823-1913), Mario Roso de Luna (1872-1931), William Crookes (1832-1919), Camille Flammarion (1842-1925) e Frederic Myers (1843-1901), Maurice Maeterlinck (1862-1949), Édouard Branly (1844-1940), Ernesto Bozzano (1862-1943), William James (1842-1910), Gustav Geley (1865-1924), Gabriel Delanne (1857-1926) ou Léon Denis (1846-1927), João dos Reis Gomes e Vasco Mimoso evidenciam a sua faceta multidisciplinar partindo dos estudos psíquicos em voga nos séculos XIX e XX e transpondo-os, numa atitude desafiadora e arrojada, para o ambiente conservador da ilha. Contemporâneos e colegas de profissão, não raras vezes se cruzaram em eventos culturais, científicos e sociais e partilharam ideias relativamente ao estudo do espiritismo, que encaravam, no entanto, de perspectivas diferentes, no que diz respeito ao espiritismo científico e religioso, conforme mais adiante se verá.

Quando se considera João dos Reis Gomes, provavelmente um dos autores madeirenses mais conhecidos, é impossível esquecer os seus romances históricos, os diários de viagem ou mesmo os estudos arquitetónicos e culturais sobre a ilha da Madeira. Infelizmente, não existe um estudo profundo sobre as suas obras, que compreendem várias disciplinas e eixos temáticos. É de lamentar o desinteresse, sobretudo, no que diz respeito às suas obras filosóficas e científico-literárias. Destacam-se nestas áreas as obras *No Laboratorio: Psychologia e Pathologia Cerebral* (1899) e *Forças Psíquicas: Ensaio Filosófico* (1925), por se tratarem de produções filosóficas e científicas que reafirmam os estudos científicos e psíquicos como áreas de estudo em voga nos séculos XIX e XX. A primeira, escrita sob o pseudónimo J. Régniard, trata-se de um estudo científico na área da psicologia, deveras arrojado, em que o autor cria um narrador-personagem, médico especialista em psicologia e patologia cerebral, que realiza um estudo científico em quatro «exemplares», leia-se indivíduos, da sociedade madeirense que detêm vícios e defeitos a serem examinados, corrigidos ou eliminados, no sentido literal da palavra, em comunhão com o objetivo de uma campanha de limpeza de «exemplares» perturbadores e nocivos à sociedade: Simão Canário (bacharel), Joaquim Veado (bacharel), Estevam Montureira (padre) e César Marradas (doutor). Este estudo baseia-se na aplicação do método de Gall, concebido pelo neuroanatomista e fisiologista Franz Joseph Gall (1758-1828), mais conhecido pela nomenclatura de cranioscopia ou frenologia, por volta de 1800. No fundo, trata-se do estudo da personalidade e das faculdades mentais e morais (emoção, carácter, perceção, intelecto) através da análise da forma externa do crânio. Esta obra de Reis Gomes constitui um retrato mordaz e irónico de uma sociedade cuja regeneração é uma impossibilidade e utopia, e, a par disso, o narrador-personagem insinua e propõe a criação de um sistema sugestivo de eliminação como único caminho, não para a perfeição, pois essa é inalcançável, mas para o melhoramento e progresso do homem como animal social. Há, neste caso, uma escrita imbuída de espírito crítico, trocista, ainda que discreto, e de uma ironia pungente.

Tese completamente contrária é a de Vasco Mimoso, que considera que o homem apenas progride quando reconhece os seus vícios e decide, pelo livre-arbítrio, abraçar as virtudes, regenerando-se pela prática do bem. Aliás, de acordo com Tzevan Todorov, a ideologia cientista corresponde a dois contextos políticos e históricos distintos. O primeiro, em pleno século XX, está intimamente interligado com os regimes totalitários, onde existe um sistema que privilegia o determinismo sistemático, ou seja, a possibilidade da maleabilidade ou modificação do homem

quando inserido na sociedade. O segundo decorre das democracias ocidentais, em que há a aspiração de «submeter a ação ao conhecimento» e à identificação dos comportamentos, através de estudos realizados por sociólogos, psicólogos e economistas (Todorov, 2005: 31-33). Por conseguinte, pode-se concluir, com base na análise dos textos, que a obra de J. Régniard corresponde ao primeiro contexto, na medida em que se estabelece a preferência pela criação de sistemas de correção e eliminação de indivíduos condenados, cujo vício corrompeu. Na perspectiva do determinismo sistemático, dá-se, assim, a modificação do homem de acordo com o modelo pretendido por determinada sociedade: «Attentem n'elles os homens de sciencia, particularmente os sociologos; criem-se laboratorios e casas especiaes de correccão; faça-se a propaganda ao suicidio por um systema orientado e suggestivo, para a eliminacão dos seres condemnados» (Régniard, 1899: 6). Por seu turno, a obra de Vasco Mimoso insere-se no segundo contexto de que nos fala Todorov, na medida em que há o desejo de submeter o homem ao estudo científico, sobretudo no que diz respeito à psicologia moderna e ao estudo da sua dimensão espiritual, através do espiritismo, tendo como principal objetivo o seu progresso.

Embora não ligada diretamente ao espiritismo, esta obra de J. Régniard vai ao encontro da tendência do século em estudar e compreender o homem através da ciência (psicologia), quer a nível físico, quer a nível mental, tal como o espiritismo/espiritualismo tenta compreender a dimensão espiritual do homem. Já em *Forças Psíquicas*, diretamente ligado ao espiritismo, João dos Reis Gomes elabora um estudo puramente filosófico e científico, cuja vertente religiosa é inexistente. Composto por três grandes capítulos de estudo teórico e prático sobre o consciente, subconsciente e o ectoplasma, trata de temáticas como as considerações gerais sobre os estudos psíquicos, a telepatia, metapsíquica, a ideia de colaboração do inconsciente na vida presente, o subconsciente como oculto domínio de fenómenos psíquicos, os fenómenos de criptomnésia, a dupla personalidade, as forças psíquicas e fluídicas, o subconsciente como centro radiador, recetor e transformador de energias, as relações entre o consciente e o subconsciente, o hipnotismo, vidas anteriores, o registo medianímico de acontecimentos passados, as forças inteligentes, as experiências psíquicas de sociedades de investigação, a mediunidade, o transe, a intervenção espiritual, o ceticismo, o neoespiritismo e a materialização do espírito. Ainda que este estudo seja apenas realizado na vertente filosófica e científica, sem que exista qualquer tipo de crença ou fé religiosa, a sua receção é positiva e entusiástica na imprensa madeirense. Porém, mesmo existindo elogios contidos na imprensa religiosa, há um certo cuidado, tendo em conta a temática sobre a qual

João dos Reis Gomes discorre: os estudos psíquicos. Na secção «Bibliografia» da revista religiosa *A Esperança*, encontra-se uma breve recensão a *Forças Psíquicas*. Ainda que se a elogie como uma «obra notável [...] d'alto mérito, produto de longas vigílias d'intenso labor intelectual, e revelando uma vasta erudição» (*A Esperança*, 1925: 143), há, de facto, o cuidado e uma certa hesitação devido ao conteúdo temático tratado, pois «não se vai assim de repente falar dum Trabalho desta ordem [...] Mais, não podemos dizer ainda» (*A Esperança*, 1925: 143).

Já Vasco Mimoso, autor madeirense contemporâneo de Reis Gomes, enfrenta, no seu tempo, um duro julgamento crítico levado a cabo pela imprensa religiosa e clero madeirenses, pois o espiritismo em que se revê não é puramente científico, como o teorizado e estudado por Reis Gomes, que inclui a explanação de várias teorias de ilustres estudiosos anteriormente referidos, mas sim um espiritismo sobretudo religioso. Para o autor, a base da doutrina espírita é a solidariedade e o amor entre a humanidade, ou seja, o cultivo do amor ao próximo (*A Regeneração*, 1 março 1914: 2).

Em tom jocoso, o periódico humorístico madeirense *A Piada Académica*, dirigido por Gonçalves Preto, publica um poema, intitulado «Aleluia do Magnetismo!!!», que achincalha e satiriza mordazmente Vasco Mimoso, parodiando o Diabo do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente. Neste poema, são parodiadas lendas como a de D. Fuas e de Fausto, atribuindo-se ao autor madeirense o desejo de encarnar as mesmas personagens lendárias, no entanto, sem a Virgem dos Milagres e em companhia do Demónio, apelando e evocando o mesmo em seu nome:

Vinde a mim! Vinde a mim
Ó Serafim
ou homem ou diabo!
Eu vos evoco! Eu vos evoco!
[...] vinde revelar-me o que é que existe
nas profundas cavernas do Inferno [...]
Eu sou o Dr. Fausto e ando triste
[...] Demónio [...]
Ensina ao teu amigo
as artes negras [...]
Dar-te-hei meu precioso sangue [...]

Quero com a força do magnetismo
exercer o despotismo
[...] Quero ser o senhor absoluto
[...] Hei de ser D. Fuas
pelas ruas
sem a Virgem do Milagre!
Hei de ser o vinagre [...]
Eu sou as sete pragas sobre o Nilo
e a alma dos Borgia a penar! (*A Piada Académica*, 1928: 4)

Além desta paródia na imprensa, há duras críticas e acusações ao espiritismo, algumas delas feitas por membros da Juventude Católica da Madeira e pelo clero madeirense, como é o caso do padre José Marques Jardim, pároco do Monte. Algumas correspondências epistolares entre o mesmo e Vasco Mimoso foram publicadas no periódico que este último dirigiu, *A Regeneração*, dedicado aos estudos psíquicos e às novas teorias da psicologia moderna. O padre José Marques Jardim chega mesmo a referir que o espiritismo não constitui mais do que uma seita infernal, uma doutrina herética, um erro de todos os tempos, que se baseia em superstições e credíces, cujo resultado final levaria os praticantes à insanidade. Além disso, acrescenta que «os trabalhos espíritas são obra do demónio, de pagãos, de heresiarcas e apostatas [...] os espíritos através do tempo e do espaço não reencarnam, isto é, não tomam sucessivos corpos [...]», embora existam «espíritos que sofrem condenação eterna» (*A Regeneração*, 1914: 1).

No seguimento desta crítica, Vasco Mimoso escreve, na obra *Esperança e Luz*, que entende «que na Madeira se devia cultivar o estudo da alma [...] Mas [...] é difícil organizar no nosso meio um *Circulo de Cultura*, onde se discutisse livremente o espiritismo» (Mimoso, 1911: 7), pois a impreparação do meio madeirense torna quase impossível esta tarefa. O autor lamenta a ignorância e a indiferença pelos estudos psíquicos, lembrando que houve alturas na História em que o homem vivia em épocas obscuras e em que a censura limitava e impedia o progresso da ciência e do pensamento. Além deste facto, o autor refere que em Portugal, especialmente no Funchal, o estudo da alma é ardentemente criticado por várias entidades, explicitando que «nada compreendem *além da matéria*, e só na *matéria palpável* sabem profundar» (Mimoso, 1911: 43).

O facto de Vasco Mimoso ter ingressado no Instituto Nacional de Ciências de Londres, no qual se formou em Ciências Psicológicas, foi determinante para o seu percurso literário e para a contextualização da sua obra. Saliente-se a circunstância de ter sido redator principal e proprietário de vários periódicos madeirenses, com destaque para a revista *A Regeneração*, publicação de carácter científico e literário. Além disso, assumiu-se como médium, chegando a exercer rituais no núcleo a que pertenceu, o Núcleo Espírita da Madeira, dirigido, em 1914, pelo Dr. José Agostinho Rodrigues.

A Regeneração: Revista Quinzenal de Estudos Sociais e Psicicos constitui um periódico cujos estudos versam sobre a psicologia moderna, moral, ciência, literatura, arte e, essencialmente, a tão aguardada renovação ou regeneração social. Aliás, a sua máxima, impressa na capa de todos os números da revista, é: «Pela Pátria, pelo Povo, pelo Progresso: Órgão defensor das doutrinas dos grandes mestres da regeneração social». *A Regeneração*, revista de cariz educativo e espiritual, tem como objetivo principal «levar o Homem ao estado ideal da existência» (*A Regeneração*, 8 agosto 1915: 1), surgindo no conturbado contexto histórico da Primeira Guerra Mundial e tendo como colaborador o colega, jornalista e escritor Feliciano Soares, também ele simpatizante das doutrinas espiritualistas. É no periódico do qual é proprietário que Vasco Mimoso discorrerá sobre diversos temas fraturantes do mundo, nomeadamente sobre a guerra e as nações beligerantes, a sociedade, a paz, a moral e a injustiça. Estas preocupações não o ocupam apenas na prosa, mas também são temáticas da sua poética.

Nos jornais *O Progresso*, *O Liberal* e *Diário da Madeira*, Vasco Mimoso escreveu de forma assídua e profícua, ao lado de poetas como Octávio Marialva, sobre temáticas que giram em volta de arquétipos como a vida, a morte, o amor, a existência, Deus, a religião e a ciência. Realce para os poemas «Mundos!... (segundo a Bíblia e segundo a Ciência)» (*O Progresso*, 3 fevereiro 1918: 2), «Esperança» (*O Progresso*, 1917: 2) e «Regenerado» (*O Progresso*, 1917: 2), que constituem um esboço poético e doutrinário do espiritismo religioso, isto é, versam temáticas como a interseção da religião com a ciência, a esperança e a própria regeneração social como expectativa utópica, elementos do universo do espiritismo religioso que são transversais a toda a obra de Vasco Mimoso.

Além do periódico que dirigiu e da sua colaboração em inúmeros jornais da época, Vasco de Bettencourt Mimoso publicou algumas obras cujas temáticas versam, igualmente, sobre o espiritismo religioso, a fé, a crença e a esperança na humanidade, a fraternidade, a imortalidade da alma, o antimaterialismo e o

ocultismo, características inegáveis do espiritismo já anteriormente mencionadas, designadamente a já referida *Esperança e Luz* (1911), *O Céu (Onde Está Ele?): Novela Popular ao Povo Cristão da Minha Linda Terra, cuja Fé Foi tão eloquentemente Demonstrada na Visita Que Nos Fez a Virgem de Fátima* (1949) e *Das Profecias* (s.d.), opúsculo científico e literário antimaterialista sobre a fé, a resignação e as profecias do Apocalipse. Conhece-se, igualmente, a existência de vários inéditos, designadamente *Ciência Atual e Futura* (estudo baseado na análise e influência do progresso científico no homem e no domínio das concepções da psicologia humana, no dealbar do século xx), *Da Vida à Eternidade* (novela inspirada na intervenção espírita de Camilo Castelo Branco) e *Caridade* (peça de teatro cujas temáticas centrais são a caridade, a fraternidade humana e a religião do amor e a sua influência na miséria no homem).

Para Vasco Mimoso, o espiritismo introduz no coração do homem os preceitos da verdadeira moral: «é a investigação da verdade [...] a prova da imortalidade da alma [...]» (*A Regeneração*, 1914: 3) e

é a luz pura e divina que serve de guia à humanidade, levando-a para o caminho da virtude, único que a pode conduzir à eterna felicidade [...] a doutrina espírita é o bálsamo purificado que cicatriza as ardentes e profundíssimas feridas da humanidade [...], é o estado de harmonia e solidariedade [...] é preciso que os corações se aproximem para um só ideal: A Regeneração Social. (*A Regeneração*, 1 março 1914: 2)

Na sua obra está patente um forte cariz espiritual, sem descurar o estudo minucioso da psicologia moderna e a investigação científica do espiritismo, da filosofia e religião, em que se defende a existência e persistência do princípio anímico após a morte e a regeneração da humanidade, numa escrita consoladora, fraterna, caritativa e profundamente utópica.

Nesta brevíssima exposição, em que se trata o espiritismo à luz de dois autores madeirenses, destaca-se, essencialmente, Vasco Mimoso, não por algum tipo de preferência literária, mas sim pelo contraponto que se pode estabelecer entre este autor e João dos Reis Gomes. A dimensão utópica da obra de Vasco Mimoso remete o leitor para a capacidade que é dada ao homem, por livre arbítrio, de se regenerar, recorrendo, para isso, à sua fé. Ao contrário de Reis Gomes, cujo narrador, na obra *No Laboratório: Psychologia e Pathologia Cerebral*, defende que a solução da humanidade passa pela eliminação física do indivíduo detentor de vícios e defeitos. Para além deste facto, a obra *Forças Psíquicas: Ensaio Filosófico* constitui um texto

de forte pendor científico e pedagógico, instruindo o leitor sobre a teoria científica que rege o espiritismo.

Considera-se, assim, neste sentido, que Vasco Mimoso, no que diz respeito ao espiritismo, possui uma produção muito mais interessante do ponto de vista teórico-prático, pois a ela é conferida uma dimensão espiritualista, que está ausente na obra de Reis Gomes. O autor considera que é o exercício fundamental da razão que, quando bem orientada, constituirá uma luz que conduzirá o homem, das trevas ao recinto da verdade e da esperança, pois a ciência é um terreno que pertence ao divino (1911: 86). Para este autor, o livre-arbítrio é o fator decisivo para o progresso do homem. São a vontade e a fé que farão o homem peregrinar do mal para o bem. Aliás, para Mario Vassale, médico cardiologista de profissão, o

Homem é feito de virtudes e defeitos [...] as virtudes são aspirações a uma conduta ideal [...] os defeitos são a falência de tais aspirações [...] a religião não elimina os defeitos, mas introduz um potente fator de equilíbrio, cultivando na alma o desejo da virtude. (Vassale, 2011: 337-340)

Já para o narrador-personagem J. Régniard, a negação do livre-arbítrio é inerente ao homem, pois a sua função de existência está subordinada à sua natureza determinista, ou seja, «todos os actos da sua vida estão presos à fatalidade do seu organismo» (Régniard, 1899: 111), independentemente da existência do livre-arbítrio.

Na perspectiva de Vasco Mimoso, o meio para atingir a plenitude e o progresso passa pelo amor ao próximo e pela prática do bem. No livro *O Céu (Onde Está Ele?)*, a personagem principal, Genoveva, apelidada de «A Viúva Maldosa», representa o materialismo e o mal, pois «tudo para ela era material porque o seu coração parecia ser formado de pedra, de bronze ou de aço» (Mimoso, 1949: 5). Alvanéus como a fé, o espiritualismo cristão, consciência, caridade e educação nunca tocaram o seu coração, sendo que o único a atingir esse feito foi o amor de mãe, que «conseguiu dar algumas pancadas certas nesse duríssimo coração» (Mimoso, 1949: 5), que jaz nas trevas da escuridão, do materialismo, do egoísmo, do ódio e da maldade. Genoveva, ao longo da trama, é transformada e regenerada pelos ensinamentos de Maria da Piedade, representante da caridade, do imaterial e do bem, um ser de bondade e santidade: a semente do bem.

Para Vasco Mimoso, o progresso é alcançado pela regeneração do pecador: o bem regenera o homem e constitui um bálsamo consolador e caritativo. O homem, olhando para o exterior-material de si e das coisas, também se diminui

espiritualmente a si mesmo, alimentando a pobreza de espírito. Neste sentido, considera que o material se perde, mas que a ciência, a virtude e o bem se conservam eternamente e constituem o caminho para o reino dos Céus.

Já o narrador-personagem de Reis Gomes defende que o progresso é apenas atingido através da eliminação dos seres desvirtuados e corrompidos pelo vício. Aliás, Rousseau, na *Carta sobre a Virtude*, escreve sobre a diferença entre o próximo social e o próximo cristão, acrescentando que o homem é a fonte comum do bem e do mal, tal como defende Vasco Mimoso. Por conseguinte, o mal não é externo ou desconhecido ao homem. O mal está no homem e na forma como ele se relaciona com os outros (Einstein, 1996: 150-151). Como anteriormente referido, enquanto a solução do narrador-personagem J. Régniard, cujo próximo é meramente social, passa pela eliminação, almejando-se a quase perfeição da sociedade, o próximo de Vasco Mimoso é profundamente cristão, ou seja, o amor ao próximo não visa a perfeição social, mas sim um progresso e renovação do homem, por meio da vontade, do livre-arbítrio, da prática da caridade e da religiosidade cristã, com o objetivo primordial de aperfeiçoamento moral, intelectual e físico.

Considerações finais

É inegável o contributo do espiritismo e dos estudos psíquicos para o desenvolvimento da psicologia moderna do século xx. Autores como João dos Reis Gomes e Vasco Mimoso ousaram, num ambiente ilhéu conservador, analisar e refletir sobre a ciência e a sua inter-relação com a religião. Enquanto as obras de Reis Gomes enveredam especificamente por um estudo científico da psicologia e do espiritismo científico, tratando ao pormenor os estudos psíquicos e patológicos, sem menosprezar o estudo do comportamento humano com certa ironia e sarcasmo na obra *No Laboratório: Psychologia e Pathologia Cerebral*, Vasco Mimoso segue a vertente religiosa em linha com o espiritismo religioso.

O antimaterialismo, a sobreposição dos valores humanos ao utilitário e ao lucro, a reflexão sobre a natureza do mal e do bem, a ideia de justiça e paz universal, a reflexão sobre a condição humana, a esperança na regeneração da humanidade, e consequente reabilitação dos povos, e a crítica social são características da sua escrita, que entendemos ser utópica e humanista, diferentemente da de Reis Gomes, que, *No Laboratório: Psychologia e Pathologia Cerebral*, prima pelo discurso distópico. Ainda assim, o discurso do primeiro não é inválido por almejar a fraternidade universal, pois a utopia possibilita, de acordo com Ernst Bloch e Claudio Magris,

um horizonte de possibilidades e esperanças depositadas no homem. O autor reconhece que «em toda ou qualquer sociedade a justiça e o amor recíproco serão verdadeiras utopias» (Mimoso, 1949: 53), no entanto, acredita que essa esperança constitui um mito ou um bálsamo consolador que evita a resignação e a dominação da morte sobre os espíritos.

Para Vasco Mimoso, o homem pode progredir e renovar-se através do amor ao próximo, construir um mundo melhor e atingir a plenitude. Ainda assim, em ambos os autores madeirenses, a crítica social, a reflexão e a exposição dos vícios do homem são uma constante comum, sendo que diferem na sua escrita pela utopia *versus* distopia, regeneração *versus* eliminação, próximo cristão *versus* próximo social, livre-arbítrio *versus* determinismo do organismo.

A conclusão que se delinea é a de que só a cultura baseada em princípios humanistas é o autêntico agente de renovação da mentalidade e do pensamento do homem. Obras como as apresentadas questionam o mundo e a ordem instituída, demonstrando a pertinência de uma mais apurada, contínua e sistemática investigação sobre a produção de escritores madeirenses, nas suas mais variadas vertentes temáticas. A multiplicidade, a diversidade e o valor das diversas publicações, ao longo dos séculos, justificam a recolha e os estudos dos textos, numa perspetiva ampla, com o desejo de poder alcançar uma imagem mais clara do que tem sido a importante contribuição destes autores esquecidos inexoravelmente pelo tempo. «Esperança e Luz são dois symbolos do aperfeiçoamento humano. A Esperança gera a fé a Luz orienta a razão. Eis tudo» (Mimoso, 1911: 112).

Bibliografia

- A Esperança: Órgão da Obra de S. Francisco de Sales* (1920). Espiritismo, 15 jul., 81.
- A Esperança: Órgão da Obra de S. Francisco de Sales* (1921). Crítica histórica, 1 abr., 28-29.
- A Esperança: Órgão da Obra de S. Francisco de Sales* (1925). Bibliografia, 1 jul., 143.
- A Piada Académica* (1928). Aleluia do magnetismo!!!, 1 abr., 4.
- A Regeneração*, 4 de fevereiro de 1914, 1; 15 de fevereiro de 1914, 3; 1 de março de 1914, 2; 1 de maio de 1914, 3; 1 de julho de 1914, 4; 1 de agosto de 1914, 1; 8 de agosto de 1915, 1.
- Adriano, F. (2009). *Alienazione, Nevrosi e Follia: Esiti della Ricerca Scientifica nella Narrativa Italiana tra Otto e Novecento*. Sassari: Universidade de Sassari.
- Andrade, A. da G. (1999). *Dicionário de Pseudónimos e Iniciais de Escritores Portugueses*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Bento, H. (1952). Reis Gomes: Homem de letras. *Das Artes e da História da Madeira*, III (13), 29-31.

- Clode, L. P. (1983). *Registo Bio-Bibliográfico de Madeirenses: Sécs. XIX e XX*. Funchal: Caixa Económica do Funchal.
- Diário de Notícias* (1950). Faleceu ontem o eminente escritor madeirense major J. Reis Gomes, 22 jan., 1 e 6.
- Diário de Notícias* (1952). 22 jul., 2.
- Dias, J. (1995). *O Essencial sobre os Elementos Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Einstein, A. (1996). *Pensieri, Idce, Opinioni*. Roma: Newton Compton Editori.
- Espólio privado da família Mimoso Camacho.
- Figuras que já não voltam: Major João dos Reis Gomes – Pe. Fernando A. da Silva (1950). *Das Artes e da História da Madeira*, I (1), 12.
- Gomes, J. dos R. (1925). *Forças Psíquicas*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- Gomes, M. J. dos R. (1956). Actualidades. *Das Artes e da História da Madeira*, IV (22), 51.
- Hazelgrove, J. (2000). *Spiritualism and British Society between Wars*. Manchester/New York: Manchester University Press.
- Kardec, A. (1999). *O Livro dos Espíritos*. São Paulo: Petit Editora.
- Marino, L. (1960). *Musa Insular (Poetas da Madeira)*. Funchal: Editorial Eco do Funchal.
- Meneses, C. A. de & Silva, F. A. da (1998). *Elucidário Madeirense* (vol. II). Funchal: Secretaria Regional de Turismo e Cultura.
- Mimoso, V. (1911). *Esperança e Luz*. Funchal: Tipografia Esperança.
- Mimoso, V. (1949). *O Céu (Onde Está Ele?)*, *Novela Popular*. Funchal: Tipografia Camões.
- O Jornal* (1938), 15 nov., 1 e 3.
- O Liberal: Órgão do Partido Republicano Português* (1916), 7 nov., 2.
- O Povo: Diário Republicano da Tarde* (1932), 12 jul, 3.
- O Progresso*, 13 de maio de 1917, 2; 21 de outubro de 1917, 2; 3 de fevereiro de 1918, 2.
- Porto da Cruz, V. do (1953). *Notas & Comentários para a História Literária da Madeira* (vol. III). Funchal: Câmara Municipal do Funchal.
- Régniard, J. (1899). *No Laboratório: Psychologia e Pathologia Cerebral*. Funchal: Tipographia Camões.
- Todorov, T. (2005). *O Jardim Imperfeito*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Vassale, M. (2011). *Sintesi: Una Visione d'Insieme della Realtà Umana*. Roma: Albatros.